



INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS – ILL

CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

CICILIANE DE CASTRO BEZERRA

**MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS: CATEGORIZAÇÃO E
CONCEITUALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA POR ESTUDANTES
BRASILEIROS DA UNILAB-CE**

ACARAPE - CEARÁ

2021

CICILIANE DE CASTRO BEZERRA

MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS: CATEGORIZAÇÃO E
CONCEITUALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA POR ESTUDANTES BRASILEIROS
DA UNILAB-CE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Kaline Girão
Jamison

ACARAPE - CEARÁ

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira Sistema
de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Bezerra, Ciciliane de Castro. B469m

Modelos cognitivos idealizados: categorização e conceitualização da
violência por estudantes brasileiros da Unilab-Ce / Ciciliane de Castro
Bezerra. - Redenção, 2021.

47f: il.

Monografia - Curso de Letras - Língua Portuguesa, Instituto de
Linguagens e Literaturas, Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2021.

Orientador: Profa. Dra. Kaline Girão Jamison.

1. Modelos Cognitivos Idealizados. 2. Violência. 3.
Conceitualização.

I. Título

CE/UF/BSP

CDD 401.43

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Linguagens e Literaturas – ILL, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-Unilab, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Data de aprovação: 12/04/2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Kaline Girão Jamison – Orientadora
Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

Profa. Dra. Antonia Suele de Souza Alves Pereira
Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

Profa. Dra. Maria Leidiane Tavares Freitas
Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

A todas as minhas amigas e meus
amigos, que foram e são meu lugar de
encontro e aconchego.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sempre me dar forças para lutar e nunca desistir quando os obstáculos surgem e por sempre colocar pessoas incríveis na minha vida.

Agradeço à minha orientadora de Iniciação Científica e TCC Kaline Girão Jamison, pela oportunidade e por todo o processo de ensino e aprendizado nesses anos de pesquisa.

Agradeço à minha orientadora de Iniciação à Docência Suele Alves, por todo apoio, carinho e atenção na minha jornada como discente e futura professora no período em que estive no PIBID.

Agradeço à professora Maria Leidiane Tavares, por ter me mostrado o magnífico processo da pesquisa e por ter despertado em mim o prazer de estudar metodologia na disciplina de LPTII.

Agradeço o apoio de todas as professoras e professores do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Unilab, que além de docentes, são nossos parceiros nessa caminhada de estudos.

Agradeço a toda família Peixoto da cidade de Maracanaú-CE, em nome da minha amiga Mary Anne Peixoto, por todo apoio, sustento e acolhimento nesses meses difíceis de estudos em meio a uma pandemia.

Por fim, agradeço e dedico este trabalho a todas as minhas amigas e meus amigos, - não caberia aqui citar todos(as) - desde os que já estavam na minha vida antes da graduação em Letras, até os que foram chegando no decorrer dessa longa caminhada. A vocês, todo meu carinho e eterna gratidão.

Obrigada!

“Uma parte de mim é só vertigem: outra parte, linguagem (Ferreira Gullar).”

RESUMO

Avaliamos que falar sobre violência significa abordar um assunto complexo, tendo em vista que esse conceito não tem um delineamento pronto, mas sim diversas percepções sobre ele, a depender do modo pelo qual a vivenciamos. Assim, sob a perspectiva da relação entre cognição e linguagem, baseada nos processos de natureza corpórea, buscamos identificar os Modelos Cognitivos Idealizados – MCIs que estruturam o conceito violência através de dois grupos focais, feitos com estudantes brasileiros da Unilab do gênero masculino, heterossexuais e homossexuais. Nossa abordagem teórica situa-se no campo da Linguística Cognitiva - LC (FERRARI, 2011) e nos estudos de Lakoff e Johnson (1987) sobre Modelos Cognitivos Idealizados - MCIs. A investigação qualitativa e de caráter exploratório-descritivo foi feita a partir da técnica de coleta com dois grupos focais, com três participantes cada, dos quais buscamos entender e comparar a conceitualização do termo violência em suas falas. Diante dos resultados e, através da comparação dos MCIs dos dois grupos, percebemos uma diferença específica nas falas dos alunos do Grupo Focal A, o grupo dos heterossexuais, uma conceitualização de violência mais física e visível; já no Grupo Focal B, dos homossexuais, uma conceitualização de violência mais subjetiva e invisível. Em suma, o nosso estudo apresentou uma construção de sentidos acerca do termo violência, os quais emergiram a partir de categorizações estruturadas e baseadas em experiências físicas, psicológicas e socioculturais. A violência, nestes casos, é vista de forma predominante como um dano físico e subjetivo.

Palavras-chave: Modelos Cognitivos Idealizados. Violência. Conceitualização.

ABSTRACT

We believe that talking about violence means addressing a complex issue, given that this concept does not have a ready-made outline, but rather different perceptions about it, depending on the way in which we experience it. Thus, from the perspective of the relationship between cognition and language, based on the processes of a corporeal nature, we seek to identify the Idealized Cognitive Models - MCIs that structure the concept of violence through two focus groups, made with Brazilian students of Unilab of the male gender, heterosexuals and homosexuals. Our theoretical approach is located in the field of Cognitive Linguistics - LC (FERRARI, 2011) and in the studies of Lakoff and Johnson (1987) on Idealized Cognitive Models - MCIs. The qualitative and exploratory-descriptive investigation was carried out using the collection technique with two focus groups, with three participants each, of whom we seek to understand and compare the conceptualization of the term violence in their statements. In view of the results and, by comparing the MCIs of the two groups, we noticed a specific difference in the speeches of the students of the Focus Group A, the group of heterosexuals, a more physical and visible conceptualization of violence; already in the Focal Group B, of homosexuals, a more subjective and invisible conceptualization of violence. In short, our study presented a construction of meanings about the term violence, which emerged from structured categorizations and based on physical, psychological and socio-cultural experiences. Violence, in these cases, is seen predominantly as a physical and subjective damage.

Keywords: Idealized Cognitive Models. Violence. Conceptualization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro de Transcrições.....	26
Quadro 1 – MCI de VIOLÊNCIA 1 A	28
Quadro 2 – MCI de VIOLÊNCIA 2A	29
Quadro 3 – MCI de VIOLÊNCIA 3A	31
Quadro 4 – MCI de VIOLÊNCIA 1B.....	33
Quadro 5 – MCI de VIOLÊNCIA 2B.....	36
Quadro 6 – MCI de VIOLÊNCIA 3B.....	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MCI Modelos Cognitivos Idealizados.

LC Linguística Cognitiva

LGBT's Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	LINGUÍSTICA COGNITIVA E O CONCEITO DOS MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS – MCIs.....	19
3	PERCURSO METODOLÓGICO.....	24
4	ANÁLISE DOS DADOS	27
4.1	Grupo Focal A – G.F.A.....	28
4.2	Grupo Focal A – G.F.B.....	33
5	DISCUSSÃO DOS DADOS.....	41
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS.....	46
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	48
	APÊNDICE B – PERGUNTAS PARA OS GRUPOS FOCAIS.....	49

Avaliamos que falar sobre violência significa abordar um assunto complexo, tendo em vista que esse conceito não tem um delineamento pronto, mas sim diversas percepções sobre ele, a depender do modo pelo qual a vivenciamos. Por essa razão, analisar o termo violência nem sempre vai nos trazer um resultado como um ato ou posicionamento que possui uma estrutura identificável. Nessa lógica, deduz-se que alguns atos podem ser concebidos como violentos, a depender do local e do contexto, podendo ser, portanto, compreendidos de formas distintas em função de sua conjuntura (PAVIANI, 2016).

Han (2016) destaca que a violência é algo que não desaparece das sociedades, pois o fenômeno paira em nosso contexto social direta ou indiretamente. De acordo com Paviani (2016), o termo violência é um conceito amplo, e as classificações de estudos não levam em consideração todas as formas, e, por isso, não chegam a delimitar o fenômeno em sua totalidade. A esse respeito, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020) define a violência como “o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação (DAHLBERG E KRUG, 2020, p.1165)”. A OMS especifica ainda uma tipologia que indica três grandes categorias de violência correspondentes às características daquele que comete o ato violento: (1) a violência coletiva, que inclui os atos violentos ocorridos nos âmbitos macrossociais, políticos e econômicos, caracterizando a dominação de grupos e do Estado; (2) a violência autoinfligida, subdividida em comportamentos suicidas e autoabusos; e (3) a violência interpessoal, subdividida em violência comunitária e violência familiar, incluindo a violência infligida pelo parceiro íntimo, o abuso infantil e abuso contra os idosos (COELHO; SILVA; LINDNER, 2014, p.14).

Mesmo com algumas delimitações do termo violência, não chegamos a um conceito específico, como dito, esse conceito é muito amplo, por esse motivo, pesquisamos um pouco sobre o termo em ações, ou seja, como nos mostram as notícias no nosso país. Dados recentes mostram que o Brasil teve uma alta de 4% nos assassinatos nos primeiros nove meses do ano de 2020, sendo registradas 32.298 mortes violentas contra 31.022, no mesmo período do ano de 2019, 1.276 mortes a mais. Esse índice subiu ainda mais durante a pandemia do novo coronavírus, mesmo quando a maioria dos Estados estavam em busca de implementar medidas de cuidado coletivo,

como o distanciamento e o isolamento social (G1, 2020)ⁱ. Segundo o Relatório Institucional – Atlas da Violência 2020, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada - IPEA, no Brasil, os homicídios foram, naquele ano, a principal causa de mortalidade e mortes por jovens do grupo etário de pessoas entre 15 e 29 anos (IPEA, 2020, p. 20).

Considerando as informações supramencionadas, e tendo como foco a relação entre linguagem, cognição e sociedade, um aspecto nos chamou a atenção, conceitualização da violência por distintos atores e grupos sociais, que costuma variar tendo em vista fatores diversos (como sexo, orientação sexual, cor/raça, nacionalidade, etc.), o que nos leva ao seguinte problema: se a violência não desaparece das sociedades e se não temos apenas um conceito que englobe seu significado, como então ela é identificada ou especificada na fala de determinados grupos? A fim de responder tal pergunta, recorreremos ao estudo dos Modelos Cognitivos Idealizados - MCIs, debruçando-nos sobre um *corpus* coletado através de Grupos Focais de alunos da Unilab, os quais relatam a conceitualização e casos de violência. Considerando a possibilidade de tal categoria teórica contribuir para explicar as diferentes conceitualizações de violência em nosso *corpus*, levantamos as seguintes questões de pesquisa: a) Como se estruturam em Modelos Cognitivos Idealizados – MCIs o conceito de violência nas falas de alunos brasileiros? b) Quais as diferenças desses Modelos Cognitivos Idealizados – MCIs se comparados com grupos distintos de alunos?

É necessário destacar que os Modelos Cognitivos Idealizados – MCIs foram propostos por Lakoff e Johnson (1987), e representam o nosso principal alicerce teórico, sobre o qual abordaremos com mais detalhes no tópico dois deste trabalho. Acreditamos que, para um entendimento do que chamamos de MCIs relacionadas à conceitualização de violência na fala, precisamos entender o uso da linguagem na forma em que ela se manifesta através de metáforas, metonímias e esquemas de imagens, como elementos integrantes de um sistema sociocognitivo.

É importante destacarmos que a Linguística Cognitiva aponta para uma atuação que envolve princípios cognitivos compartilhados pela linguagem e outras capacidades cognitivas, também com a interação entre estrutura linguística e conteúdo conceptual (FERRARI, 2011). Portanto, nessa perspectiva, destacamos que, de acordo com as categorias conceituais, o pensamento é corporificado e baseia-se na percepção, no movimento corpóreo e na experiência social, utilizando-se de metáforas, metonímias e imagem mental (LAKOFF, 1987). Por esse ângulo, nota-se a importância de conceitualizar o termo violência pela perspectiva da linguagem, para que possamos

conhecer mais sobre como esse conceito é estruturado em termos cognitivos, através do que compreendemos por MCIs.

Quanto ao *corpus*, analisamos as falas de dois grupos focais de estudantes da Unilab, nos quais todos especificaram ser do gênero masculino. Observamos nos grupos, através de suas respostas às perguntas, que o Grupo Focal A se identificaram como heterossexuais e o Grupo Focal B se identificaram como homossexuais. Tendo feito essa observação e com base no que os dois grupos mencionaram entender por violência, percebemos a oportunidade de realizar uma análise em uma perspectiva linguístico-cognitiva, em busca de entender melhor o conceito de violência para os grupos, levando em consideração suas experiências de mundo diferenciadas, que corroboraram com a comparação do *corpus*.

Por estarmos tratando de um termo abrangente e, levando em conta tal observação, além do que já compreendemos quanto ao termo violência, podemos partir para dados mais específicos: segundo dados expostos por Julio Cardia, ex-coordenador da Diretoria de Promoção dos Direitos LGBT do Ministério dos Direitos Humanos, registrou-se denúncias de assassinato entre 2011 e 2018 pelo Disque 100 (um canal criado para receber informações sobre violações aos direitos humanos), pelo Transgender Europe e pelo GGB (Grupo Gay da Bahia), totalizando 4.422 mortos no período. Isso equivale a 552 mortes por ano, ou uma vítima de homofobia a cada 16 horas no país (SOBRINHO, 2019). É importante ainda destacarmos dados do relatório da pesquisa de violências contra homossexuais do grupo ‘Gay da Bahia (GEB)’ de 2018. Essa pesquisa conseguiu identificar a ocorrência de 420 mortes por homicídios ou suicídios decorrentes da discriminação de integrantes da população homoafetiva e transexual. O relatório mostra que, desde 2001, houve um aumento significativo no número de mortes LGBT’s, causadas pela discriminação (HERMANSON, 2019).

A realidade do Brasil segue ainda na lista dos países que mais mata LGBT’s, segundo o relatório de 2018 divulgado pelo Grupo Gay da Bahia, essa entidade vem há 39 anos registrando dados de violência contra LGBT’s no Brasil. Os dados mais recentes mostram que 76% das mortes foram homicídios e 24% foram suicídios. Os números colocam o Brasil no ranking dos países que mais matam LGBTs no mundo (RAVENNA, 2019). Vale destacar que no dia 13 de junho de 2019, o Supremo Tribunal Federal (STF) determinou que discriminação por orientação sexual e identidade de gênero é crime no Brasil. A conduta passou a ser punida pela Lei de Racismo (7716/89), a qual atualmente é um crime inafiançável e imprescritível. Essa ação, determina um avanço ao que discerne os direitos das pessoas LGBT’s, principalmente em um cenário

político que vem institucionalizando retrocessos nos direitos de forma geral. É também uma resposta, nos marcos legais, de que não é admissível a violência contra LGBT's no Brasil. No entanto, sabe-se que mudanças na legislação por si só não produzirão a diminuição da violência, mas, diante dessa conquista, espaços de politização estão sendo abertos em defesa e contribuição a esse segmento populacional (RAVENNA, 2019).

Tais informações e ações podem estar atreladas a realidade da violência de gênero, ao identificar-se uma identidade de gênero “ideal” no mundo, ao fato de não se estar seguindo a ordem “natural” das coisas. É interessante salientar que, segundo a Organização das Nações Unidas, utiliza-se o termo "para distinguir a violência comum daquela que se dirige a indivíduos ou grupos sobre a base de seu gênero", constituindo uma violação dos direitos humanos. Porém, esse processo tem sido discutido a passos lentos, o que nos leva a intencionar novos estudos a respeito. A essa perspectiva, requer um entendimento: “perceber o gênero é fácil, mas compreendê-lo é um grande desafio”. Desse modo, os autores destacam que há ainda preconceitos, mitos e franca falsidade, ao se abordar a relação de gênero”, talvez a isso se deva tantos atos considerados violentos em nossa sociedade, a essa população em especial (CONNEL, PEARSE, 2015, p. 25-38).

Considerando esse quadro teórico e o *corpus* em questão, temos como objetivo geral: analisar os Modelos Cognitivos Idealizados – MCIs que estruturam o conceito de violência nas falas de alunos brasileiros da Unilab-CE, a partir de dois grupos focais – A (heterossexuais) e B (homossexuais). Já como objetivos específicos temos: a) identificar e descrever os Modelos Cognitivos Idealizados – MCIs: esquemas de imagens, metáforas e metonímias que estruturam o conceito de violência nas falas dos estudantes do grupo focal A – GFA (heterossexuais); b) identificar e descrever os Modelos Cognitivos Idealizados – MCIs: esquemas de imagens, metáforas e metonímias que estruturam o conceito de violência nas falas do grupo focal B – GFB (homossexuais); e, por fim, c) comparar e discutir os Modelos Cognitivos Idealizados - MCIs, os quais estruturam o conceito de violência nas falas dos grupos focais A – GFA (heterossexuais) e B – GFB (homossexuais) de estudantes brasileiros da Unilab.

Como se vê, o estudo se justifica a partir da importância que é trabalhar com o tema referido, pois, na presente pesquisa, buscamos mostrar um melhor entendimento acerca de ideias e sentimentos que foram expostos através de falas de pessoas, cujas rotinas têm sido alteradas devido à incerteza trazida às suas vidas pelo estado prevalente de violência de diversas naturezas, uma proposta que atinge preocupações, as quais vão para além das paredes da universidade. Nosso intuito foi buscar uma

compreensão acerca do fenômeno da violência, relacionada a questões da nossa capacidade de conceitualizar e categorizar as coisas do mundo por meio da linguagem, ou seja, estabelecidas cognitivamente por nossas experiências de vidas e relações culturais diversificadas.

Para melhor compreensão, nosso trabalho está dividido em seis tópicos. Primeiramente, de forma introdutória, discutimos sobre o tema violência e o viés da pesquisa. No segundo tópico, abordamos um pouco sobre a Linguística Cognitiva - LC e o conceito dos Modelos Cognitivos Idealizados – MCIs, um ponto crucial para o nosso trabalho, principalmente para compreensão de nossas análises. No terceiro tópico, tratamos de explicar nosso percurso metodológico, o qual nos fez alcançar nossos objetivos. No quarto tópico, mostramos as falas e as análises dos grupos focais em tópicos subsequentes. No quinto tópico, discutimos as análises dos grupos focais. Por fim, apontamos as nossas considerações finais.

2 LINGUÍSTICA COGNITIVA E O CONCEITO DOS MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS – MCIs

Abordar um conceito diversificado como violência é admitir que nem sempre esse conceito será identificado como um ato que possui uma estrutura fácil de discernir, assim mesmo ela pode ser concebida em diversas sociedades, e se mostrar de diferentes formas, e em diferentes contextos, sendo por vezes compreendidas de formas distintas, em função da realidade de cada situação (JAMISON, 2011, p. 62). Refletindo por essa perspectiva, tais modelos e determinados conceitos podem estar presentes no nosso sistema conceitual, orientando cognitivamente nossa produção e compreensão linguística, no qual podem ser elucidados de formas diferentes ou desconhecidas por parte de pessoas vítimas ou não de atos considerados violentos.

Os autores Lakoff e Johnson (1980) entendem que parte do sistema conceitual humano é estruturado e definido com base na metáfora. Entretanto, por não sermos conscientes da representatividade das metáforas nas definições de nossas realidades diárias, o estudo da linguagem é uma forma de evidenciar o modo como o nosso sistema conceitual é configurado. Essa ideia não considera a noção de metáfora apenas como ornamento linguístico, mas sim na sua origem de base corpórea e baseada nas nossas experiências com o mundo, da mesma maneira que estruturamos cognitivamente nossos pensamentos e nossa linguagem (JAMISON, 2011, p.36-39).

Reiterando, a Linguística Cognitiva - LC avalia a atuação de princípios cognitivos compartilhados pela linguagem, levando em consideração a interação entre os módulos da linguagem, entre a estrutura linguística e conteúdo conceitual. Além disso, a Linguística Cognitiva “defende que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição”; dessa forma, “o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo, e passa a ser visto como uma construção cognitiva através do qual o mundo é apreendido e experienciado”, ou melhor, “reúne um conjunto de abordagens que compartilham hipóteses centrais a respeito da linguagem humana e, ao mesmo tempo, detalham aspectos particulares relacionados aos desdobramentos dessas hipóteses”, ou seja, o significado como construção mental é levada em consideração a partir da compreensão que temos acerca da atividade e capacidade humana de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação das construções cognitivas compartilhadas por meio de crenças e aspectos sociais (FERRARI, 2011, p. 14-15).

A LC adota uma perspectiva empirista, com base em interpretações filosóficas e psicológicas. A partir desses preceitos, a investigação da mente humana não pode ser separada do corpo, a nossa cognição e a nossa realidade são compreendidas a partir de uma fundamentação corporal. Através desse processo, de compreender a investigação da mente humana através do corpo, é que passamos a entender o processo de categorização, “do qual agrupamos entidades semelhantes em classes específicas” (FERRARI, 2011, p. 21-32). Conforme Lakoff (1987), a categorização consiste em um suporte para nossos pensamentos, percepções, ações e discursos. De acordo com o autor, o nosso sistema conceitual é corporificado e nossa capacidade de compreensão está atrelada à natureza do organismo pensante, portanto, ao entendermos como categorizamos, nos aproximamos da compreensão acerca de como pensamos e atuamos (LAKOFF, 1987, p. 5-6).

Em outros termos, categorizamos as coisas ao nosso redor, pois, inconscientemente, estruturamos conhecimentos que estão armazenados em nossa memória permanente, da qual são impulsionados nossos processos de construção de significados das coisas, “são essas estruturas que nos permitem explicar porque a interpretação envolve sempre mais informação do que aquela diretamente codificada na forma linguística”. Para abordar essa construção de significado a partir da linguagem, outras vertentes da LC têm procurado elaborar conceitos que representam as estruturas de conhecimento com relação à linguagem. Dessa forma, com a finalidade de descrever estruturas cognitivas estáveis, associadas ao armazenamento de conhecimento

culturalmente compartilhado, é que surgem as noções de *Frame* e *Modelo Cognitivo Idealizado* (FERRARI, 2011, p. 49-50). 19

O conceito de *frame* trata-se de um sistema para denominar a estrutura de conhecimento, armazenado na memória a longo prazo, o qual é organizado a partir da esquematização da experiência. No entanto, não nos aprofundaremos nesse conceito, tendo em vista que nosso foco de análise aborda a perspectiva dos Modelos Cognitivos Idealizados. Porém, vale salientar que, ao desenvolver o conceito de Modelo Cognitivo Idealizado, Lakoff (1987) associou a noção de *frame* aos processos de categorização, definindo-o como “um conjunto complexo de *frames* distintos (FERRARI, 2011, p. 50-53)”. Assim, de acordo com os estudos feitos por Lakoff e Johnson (1987), que investigaram os Modelos Cognitivos Idealizados, nos é revelado pelos autores que os MCIs são produtos da cognição humana, e, assim, através desses MCIs temos uma capacidade de conceitualização que baseamos cognitivamente em algumas habilidades, as quais estão conectadas à formação de estruturas simbólicas relacionadas às experiências diárias (LAKOFF, 1987, p. 281).

A concepção dos MCIs tem sido investigada também por Feltes (2007), abordando a capacidade que o ser humano tem de conceitualizar as coisas a partir de suas experiências e do mundo em que vive. Ou seja, passamos a dar sentido às coisas por fazerem parte de nossas vivências, por estarem no nosso meio e ao nosso redor. Os MCIs são, portanto, experiências para entender o mundo, construir sentidos, e Lakoff explica que dependem de três tipos de princípios estruturantes em sua composição: estruturas proposicionais; estruturas de esquemas imagéticos; mapeamentos metafóricos e mapeamentos metonímicos. Ferrari (2011) exemplifica de forma sucinta os três princípios:

(a) **estrutura proposicional** - trata-se aqui do mesmo tipo de estrutura de reivindicada por Fillmore para os *frames*;

(b) **esquemas imagéticos** – podem fundamentar a estrutura conceptual dos MCI’S. Nossa experiência do ESPAÇO é estruturada, em grande parte, com base nos esquemas imagéticos de CONTÊINER, PARTE-TODO, FRENTE-TRÁS, CIMA-BAIXO, ORIGEM-TRAJETO-DESTINO;

(c) **metafóricos e metonímicos** – os MCIs podem ser estruturados por projeção metafórica ou metonímica, nos moldes propostos por Lakoff e Johnson (1980). Por exemplo, o MCI de TEMPO costuma ser metaforicamente estruturado em termos de ESPAÇO, como especificado na sentença *as horas passam voando* (FERRARI, 2011, p. 53-54). (Destaques feitos pelas pesquisadoras).

Jamison (2011) esclarece que os modelos proposicionais e de esquemas de imagens caracterizam a estrutura, enquanto os modelos metonímicos e metafóricos

caracterizam os mapeamentos que fazem uso desses modelos estruturais. Essas estruturas cognitivas são diretamente significativas, pois têm a ver com características perceptuais do aparato cognitivo humano e com características básicas de nossa experiência físico-corporal e, por essa razão, categorizamos tudo o que nos cerca. Os Modelos Cognitivos Idealizados – MCIs tratam questões de mapeamentos, projeções metafóricas e metonímicas, e também esquemas de imagens que, segundo a Linguística Cognitiva, são os elementos estruturadores das manifestações linguísticas. A concepção que compreende a linguagem como “expressão de ideias e pensamentos” também a defende como parte de um sistema cognitivo que abrange percepção, emoção, categorização, processos de abstração e razão (JAMISON, 2011, p.20-27).

Os esquemas imagéticos, ou esquemas de imagem, “são normalmente definidos como versões esquemáticas de imagens, concebidas como representações de experiências corporais, tanto sensoriais quanto perceptuais, em nossa interação com o mundo” (FERRARI, 2011, p.86). Também não se tratam de “conceitos detalhados, mas sim conceitos abstratos, consistindo em padrões que emergem de instâncias repetidas da experiência de base corpórea”, por exemplo:

Dado que os humanos andam eretos, têm a cabeça acima do tronco e os pés como base, precisam reclinar e olhar para baixo quando os objetos caem e olhar para cima quando os objetos sobem. Essa experiência perceptual ancorada no corpo, associada à gravidade, enseja o esquema imagético CIMA-BAIXO. Os esquemas imagéticos, de um modo geral, representam padrões esquemáticos que refletem domínios, tais como CONTÊINER, TRAJETÓRIA, FORÇA e EQUILÍBRIO, responsáveis pela estruturação da experiência ancorada no corpo (FERRARI, 2011, p. 86-87).

Já a metáfora por muito tempo foi considerada um ornamento da linguagem literária, tendo sua perspectiva mudada através dos estudos da Teoria da Metáfora Conceptual descrita por Lakoff e Johnson, através do livro *Metaphors we live by*. A obra destaca evidências do uso rotineiro das metáforas, não só na linguagem, mas nos nossos pensamentos e nas nossas ações:

A metáfora está relacionada à noção de perspectiva, na medida em que diferentes modos de conceber fenômenos particulares estão associados a diferentes metáforas. Por exemplo, podemos falar metaforicamente do conceito AFETO em termos de: (a) temperatura (O diretor é uma pessoa fria; ela foi recebida calorosamente na festa); (b) distância espacial (Eu me sinto bem próxima do meu irmão; Eu acho o jeito dela distante; Ele é bastante inacessível); como ilustram os exemplos, a metáfora é, essencialmente, um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro (FERRARI, 2011, p.91-92).

A metonímia, por sua vez, também desloca o significado de uma palavra, no qual normalmente é utilizada para designar uma entidade, “tal como no caso da metáfora, os estudos argumentam que a metonímia não é um fenômeno puramente linguístico, mas ocupa um lugar central em nossos processos cognitivos”, como algo contíguo/próximo.

A contiguidade, por sua vez, é estabelecida em termos de associação na experiência. Lakoff e Turner (1989) sugerem que a projeção metonímica envolve só um domínio, ao contrário da metáfora, que se dá entre dois domínios. Consideramos os seguintes exemplos, típicos de metonímia: (112) *Proust* é difícil de ler; (113) O Globo superou o Jornal do Brasil em termos de mercado. No exemplo (112), o uso metonímico de *Proust* refere-se aos livros escritos pelo autor; enquanto o exemplo (113) recorre às expressões O Globo e Jornal do Brasil para designar metonimicamente as empresas responsáveis por ambos os jornais. A metonímia, portanto, coloca em proeminência a informação relevante da caracterização enciclopédica do domínio-matriz em um determinado contexto (FERRARI, 2011, p. 102-103).

Em suma, os MCIs tratam da percepção desse fenômeno linguístico-cognitivo, do qual a ideia norteadora parte do princípio de que nós organizamos nosso conhecimento em termos de modelos cognitivos, os quais formam a base para a estruturação de categorias (LAKOFF, 1987). Por esse ângulo, falar de linguagem requer atrelá-la à cognição, pois estão ligadas em um processo relacional. Portanto, é partindo desse panorama relacional entre cognição e linguagem, e em como se estrutura o processo conceitual do ser humano sobre a percepção das coisas do mundo e eventuais acontecimentos, que pensamos e realizamos este estudo.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Nossa investigação ocorreu a partir de análises das falas de dois grupos focais de estudantes do gênero masculino. Vale salientar que essa pesquisa é fruto de um projeto maior do Grupo de Pesquisa Comportamento, Linguagem e Cultura – COMPLIC/CNPq da Unilab-CE, o qual fez parte de um projeto de pesquisa do Programa de Produtividade em Pesquisa, Estímulo à Interiorização e à Inovação Tecnológica (IC/BPI – 2018/2020) da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), que tinha como objetivo compreender o termo violência através das falas de alunos(as) brasileiros(as) e guineenses da Unilab. Baseando-se nos objetivos dessa pesquisa, para concluirmos o *corpus*, abordamos diversos estudantes (guineenses e brasileiros) de diferentes cursos, dentro da própria Unilab, para formar os grupos focais. No entanto, para esta pesquisa, analisamos o *corpus* apenas com falas de alunos brasileiros. Dessa forma, por envolver seres humanos, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa – Unilab e aprovada para a sua realização sob o número do CAEE 49369515.4.0000.5576.

Com o progresso da pesquisa, grupos focais foram sendo realizados para melhor analisarmos os dados. Nos dois primeiros grupos focais que foram concluídos com os alunos brasileiros, nos quais todos especificaram ser do gênero masculino, além disso, observamos nos grupos, através de suas respostas às perguntas, que o Grupo Focal A – GFA (pessoas que sentem atração por indivíduos do gênero oposto) se identificaram como heterossexuais e o Grupo Focal B – GFB se identificaram como homossexuais (pessoas que sentem atração por indivíduos do mesmo gênero). A partir dessa observação, e com base no que os dois grupos especificaram entender por violência, percebemos a oportunidade de fazermos uma análise desses dados, com o intuito de entender melhor o conceito de violência para os grupos, tendo em vista suas diferentes experiências, as quais corroboram com a análise do *corpus* identificada por cada resposta, principalmente quando comparadas. (MEDEIROS; MORAIS, 2015).

Dessa maneira, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e exploratório-descritivo, assim, destacamos que para Chizzotti (2003), a pesquisa de cunho qualitativo, “implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível (CHIZZOTTI, 2003, p.221)”. Por outro olhar, a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (MINAYO;

DESLANDES; GOMES, 2015, p.21)”. Segundo Gil (2010), as pesquisas exploratórias têm como finalidade “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias”; e as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a “descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2010, p. 27-28)”. A técnica de coleta de dados, a qual já especificamos, foram construídos dois grupos focais, refere-se a uma metodologia de entrevista, na qual ocorre uma exposição oral específica e espontânea dos envolvidos. Esta técnica fomenta interações de um grupo sobre um tema proposto, juntamente com os debates suscitados entre os participantes (POMMER E POMEER, 2014, p.10)”.

Nosso olhar se voltou para a investigação da concepção de violência a partir de quatro perguntas feitas nos dois grupos focais, citadas a seguir: (1) Quando vocês escutam a palavra violência, qual a primeira coisa que lhes vem à mente? (2) Quando vocês estão conversando com os amigos(as) no dia a dia, o tópico violência surge na conversa? E como? (3) Pessoas que já passaram por algum tipo de violência, o que mudou? O comportamento, a rotina, a forma de pensar mudam depois que passamos por qualquer tipo de violência que nos cercam? De que forma essas coisas são afetadas por uma experiência de violência? (4) Qual a opinião de vocês com relação aos praticantes de violência, o que vocês acham sobre as ações de quem pratica a violência?

Levando em conta a abrangência dessas análises para este trabalho, foi necessário fazer um recorte, assim, nos detemos em analisar apenas as respostas da primeira pergunta dos dois grupos. As respostas foram gravadas mediante autorização prévia dos alunos e com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. De modo a respeitar os aspectos éticos, os grupos focais foram identificados como: grupo focal A – GFA (heterossexuais) e grupo focal B – GFB (homossexuais); e os alunos que participaram dos grupos focais foram descritos no decorrer do trabalho como 1A, 2A e 2B e 1B, 2B e 3B. Com a participação de três estudantes em cada grupo focal, especificamos por ordem numérica, de acordo com a ordem das falas. O primeiro grupo focal durou 34min40s, e o segundo 1h08min01s. As análises foram realizadas a partir do viés da Linguística Cognitiva – LC (FERRARI, 2011), com base nos aportes teóricos e metodológicos da teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados – MCIs (LAKOFF; JHONSON, 1987). E as transcrições foram feitas a partir das convenções adaptadas de Jamison (2015); de Cameron (2011, p. 15) e de Du Bois (et al., 1993):

Quadro de Transcrições

Convenções de Transcrição	
:	Alongamento de vogal (pequeno)
::	(médio)
:::	(grande)
..	Micro Pausas
...	Pausa mais longa, menor do que um segundo
... (2.0)	Pausa de dois segundos
[]	Sobreposições no discurso
[Superposição de vozes
-	Silabação
→	Assalto ao turno
--	Unidade truncada
,	Contorno de entonação que continua
.	Contorno de entonação finalizada
?	Contorno de entonação crescente, um apelo
<@@>	Risos
<XX>	Fragmento discursivo indecifrável
CAIXA ALTA	Aumento do tom de voz, ênfase
(())	Observações da pesquisadora

(Fonte: adaptado por Jamison, 2015 a partir de Cameron, 2011, p. XV e de Du Bois et al., 1993).

As análises a seguir pretendem dar conta de alguns modelos cognitivos idealizados - MCIs acerca da violência, os quais aparecem nas falas obtidas nos dois grupos focais, não chegando a um termo pronto, mas a termos e significados embasados em perspectivas cognitivas diferentes, levando em consideração que “um texto é sempre um produto de uma enunciação. Enunciação é a intenção do falante quando produz um texto, e discurso é a instância de interlocução em que são atribuídos os sentidos do texto” (ABREU, 2010, p.19).

Dessa forma, para facilitar a compreensão das falas dos participantes, elaboramos seis quadros identificados pela ordem dos grupos e dos participantes, começando pelo grupo focal A - GFA (heterossexuais) – Quadro 1/participante 1A; Quadro 2/participantes 2A; e Quadro 3/ participante 3A. Em seguida, os quadros do grupo focal B – GFB (homossexuais) – Quadro 4/participante 1B; Quadro 5/participante 2B; e quadro 6/participante 3B. Expomos a primeira pergunta feita no dia do grupo focal “(1) Quando vocês escutam a palavra violência, qual a primeira coisa que lhes vem à mente?”. Seguidamente, no quadro que elaboramos, colocamos as respostas transcritas, separada por excerto, pelo número do participante e por ordem alfabética. Além disso, destacamos os itens lexicais metafóricos em negrito, logo abaixo estão os ESQUEMAS DE IMAGENS, METÁFORAS e METONÍMIAS que foram encontradas nas falas, sendo identificadas pelo número do participante e pela ordem alfabética dos

excertos, de forma que facilite a leitura das análises desenvolvidas e descritas abaixo de cada quadro. Vejamos os dados a seguir com mais detalhes. 25

4 ANÁLISE DOS DADOS

O primeiro grupo analisado é o Grupo Focal A – GFA (heterossexuais). Participaram da discussão desse grupo três alunos, os quais chamaremos aqui de: 1A (quadro 1), 2A (quadro 2) e 3A (quadro 3). O primeiro participante 1A, com 20 anos, é estudante da Unilab do quinto semestre de Administração Pública. O segundo participante 2A, com 22 anos, é estudante da Unilab no quarto semestre de Administração Pública. O terceiro participante 3A, com 21 anos, é estudante da Unilab no quarto semestre do Bacharelado em Humanidades - BHU.

O segundo grupo a ser analisado foi o Grupo Focal B – GFB (homossexuais). Participaram da discussão desse grupo três alunos, os quais chamaremos aqui de: 1B (quadro 4), 2B (quadro 5) e 3B (quadro 6). O primeiro participante 1B, com 24 anos, estudante da Unilab no sexto semestre do curso de História. O segundo participante 2B, com 19 anos, estudante da Unilab no quarto semestre do curso de Letras - Língua Portuguesa. O terceiro participante 3B, com 20 anos, estudante da Unilab no terceiro semestre do curso de Pedagogia.

Logo após as apresentações, os participantes responderam à primeira pergunta do grupo focal: qual a primeira coisa que lhe vem à mente, quando escuta a palavra violência? Como explicado no tópico anterior, destacamos a seguir os quadros com as respostas e as análises dessa pergunta.

Quadro 1 - MCI de VIOLÊNCIA - 1A**ALUNO - 1A:****(1a)** eu acho que, **o primeiro.. primeiro que vem.. é..****(1b)** a **própria violência física**, né?**(1c)**...(2.0) que eu acho que é.. **a forma mais grave**,**(1d)** que pode.. **que prejudica mais**.**Esquemas de Imagens:****(1a)** LOCOMOÇÃO**(1b)** FORÇA/PARTE-TODO**Metáforas:****(1b)** VIOLÊNCIA É AGRESSÃO FÍSICA**(1c)** VIOLÊNCIA FÍSICA É GRAVE**(1d)** VIOLÊNCIA FÍSICA É PREJUDICIAL / VIOLÊNCIA É DOENÇA / VIOLÊNCIA É UM ORGANISMO VIVO**Metonímias:****(1b)** MEMBRO PELA CATEGORIA**(1c)** **(1d)** RESULTADO PELA AÇÃO

Em resposta do participante 1A à primeira pergunta, surgiram os esquemas de imagens: LOCOMOÇÃO, quando observamos em “**(1a)** eu acho que, **o primeiro.. primeiro que vem.. é..**” e “**(1b)** a **própria violência física**”, neste caso, é como se a violência física se apresentasse como a mais comum e recorrente na percepção do participante, como se o pensamento estivesse em locomoção, no qual a primeira coisa que se pensa é na violência física. Outro esquema de imagem a ser destacado é o de FORÇA e PARTE-TODO, demonstrando que, a primeira coisa que pensa é na violência física, dessa forma, existindo outras violências, além dessa, a intensidade da força aplicada define a gravidade do prejuízo sobre a vítima, quando ele explica em “**(1c)** que é a **forma mais grave**” e em “**(1b)** **que prejudica mais**”.

Ainda na fala do estudante 1A, inferimos o surgimento das metáforas em “**(1b)** a **própria violência física**, né?” VIOLÊNCIA É AGRESSÃO FÍSICA, por ele já especificar a violência física, pois trata-se de uma violência mais visível e possivelmente a mais concreta; em “**(1c)**...(2.0) que eu acho que é.. **a forma mais grave**” inferimos a metáfora VIOLÊNCIA FÍSICA É GRAVE e em “**(1d)** que pode.. **que prejudica mais**”, inferimos as metáforas VIOLÊNCIA FÍSICA É PREJUDICIAL / VIOLÊNCIA É DOENÇA e VIOLÊNCIA É UM ORGANISMO VIVO. Nesses casos, pelo mesmo motivo da metáfora interior, por possivelmente o estudante acreditar que a forma mais palpável da violência é grave e prejudicial, assim como uma doença, ele demonstra que a violência física, assim como uma doença grave, debilita e prejudica a vítima, traz sequelas. Além do mais, se pensarmos em termos de doença, sabemos que

ela pode aparecer a qualquer momento e, por essa razão, tratamos de um organismo vivo, no qual se manifesta de outras formas, e em diferentes momentos, mas que sempre está “viva” pairando e convivendo entre nós.

Com relação às metonímias, nos faz perceber inicialmente em “**(1b) a própria violência física, né?**” a metonímia MEMBRO PELA CATEGORIA, o participante buscou falar de um tipo de violência, ou seja, de um membro, para retratar a categoria em si, que é a violência. Dessa forma, a violência física se apresenta como o exemplo mais saliente da categoria. Também em “**(1c)...(2.0) que eu acho que é.. a forma mais grave**” e em “**(1d) que pode.. que prejudica mais**” destacamos a metonímia RESULTADO PELA AÇÃO, o participante não diz que tipo de violência física, mas diz que violência física é a forma mais grave e prejudicial, ou seja, é resultado de uma ação, a ação da violência física, deixando subentendido que existem outras violências, porém, essa é a forma de violência mais grave em sua percepção.

Quadro 2 - MCI de VIOLÊNCIA - 2A

ALUNO - 2A:

(2a) A meu ver..

(2b) ...eu vejo a:: **violência, ..nas periferias,**

(2c) ...que.. com **grande crescimento da::...da criminalização,** e do::...

(2d) ...e das **organizações criminosas.**

Esquemas de Imagens:

(2b) CENTRO-PERIFERIA

(2b) FORÇA / PARTE-TODO

(2c) (2d) CIMA-EMBAIXO

Metáforas:

(2a) (2b) VER É ENTENDER

(2b) CIRCUNSTÂNCIA É EXISTÊNCIA

(2c) (2d) MUDANÇA É MOVIMENTO/CRESCIMENTO É INTENSIFICAÇÃO/
VIOLÊNCIA É UM ORGANISMO VIVO / VIOLÊNCIA É DOENÇA

Metonímias:

(2a) CONCRETO PELO ABSTRATO

(2b) MEMBRO PELA CATEGORIA

(2c) (2d) RESULTADO PELA AÇÃO

Em resposta do participante 2A à primeira pergunta, surgiram os esquemas de imagens em “**(2b) ...eu vejo a:: violência, ..nas periferias**” CENTRO-PERIFERIA, quando o participante destaca a relação de centro e periferia para se referir ao local em que a violência surge e está mais presente. Na fala do aluno 2A, é destacada a importância que os centros das cidades têm de serem bem vistos, com aspectos positivos, sendo a periferia o lugar de origem de aspectos negativos, como a criminalização. Além desses esquemas de imagens, inferimos também em **(2b)** os esquemas de imagens FORÇA / PARTE-TODO, em que a periferia foi reportada para

que houvesse a conceitualização de violência com mais intensidade/força que o centro. Se observarmos, as periferias são parte de um lugar que configura um todo juntamente com os centros, no entanto, em termos comparativos como esse feito pelo participante, as periferias foram vistas como locais isolados que fazem parte de um lugar diferente dos centros. Em “(2c) ...que.. com **grande crescimento da::..da criminalização**, e do::..” e em “(2d) ...e **das organizações criminosas**” reportamos ao esquema de imagem CIMA-EMBAIXO, a mesma explicação anterior pode ser especificada neste esquema de imagem. Além disso, se pensarmos em hierarquia, nas periferias, de acordo com o nosso conhecimento de mundo, associamos logo o “poder” das organizações criminosas sobre esse lugar de “menos empoderamento” e, desse modo, a população da periferia está abaixo dessas organizações.

Já em relação às metáforas, observamos em “(2a) **A meu ver..**” e “(2b) **...eu vejo a:: violência, ..nas periferias**” as metáforas VER É ENTENDER e CIRCUNSTÂNCIA É EXISTÊNCIA. Em sua fala, o participante personifica a violência, fazendo-nos inferir que para que a violência exista é necessário a ver com os próprios olhos. Outra metáfora importante podemos perceber em “(2c) ...que.. com **grande crescimento da::..da criminalização**, e do::..” e “(2d) **...e das organizações criminosas**” MUDANÇA É MOVIMENTO, quando o participante 2A fala “...que.. com grande crescimento da::..da criminalização, e do::..” “...e das organizações criminosas”, demonstrando que a violência está em constante movimento, continua crescendo e se encontra em grande escala nas periferias das cidades. Ainda em (2c) e (2d), percebemos a metáfora CRESCIMENTO É INTENSIFICAÇÃO, na qual, a medida em que os grupos criminosos vão aumentando, a violência se torna mais perceptível aos olhos. Isso culmina na metáfora VIOLÊNCIA É UM ORGANISMO VIVO ou VIOLÊNCIA É DOENÇA, em que podemos acompanhar todas as etapas de desenvolvimento da violência, bem como sua proliferação, destacando o seu crescimento nas periferias, como enfatiza o participante.

Acerca das metonímias, na fala do participante 2A, percebemos em “(2a) **A meu ver..**” a presença da metonímia CONCRETO PELO ABSTRATO, em que o participante se reporta ao sentido da visão para demonstrar sua opinião em relação ao conceito de violência. Além disso, surge também em “(2b) **...eu vejo a:: violência, ..nas periferias**” MEMBRO PELA CATEGORIA, em que o estudante fala sobre um aspecto da violência física em um lugar, para apresentar sua percepção da violência de forma geral, salientando os resultados dessa violência nesse lugar em “(2c) ...que.. com **grande crescimento da::..da criminalização**, e do::..” e “(2d) **...e das organizações**

criminosas”, resultando na metonímia RESULTADO PELA AÇÃO, esclarecendo a 29 resultado da violência, ou seja, o crescimento da criminalização em um determinado lugar, no caso, a periferia.

Quadro 3 - MCI de VIOLÊNCIA - 3A

ALUNO - 3A:

(3a) é ::.. a palavra violência, que me vem em mente, é.. primeiramente é ::, ...(2.0) a :: --os-- , **espalhando** pelo.. país, entendeu?

(3b) cada vez mais.. é :: tem -, é.. **se alastrando..** por.. locais em que a gente, não.. não.. percebia antes,

(3c) então.. **a violência.. tá mais presente, é:: tanto em.. questão física, quanto::.. também questões de.. de crime organizado, e..**

(3d) e **impedindo a pessoa.. de ser.. impedindo a pessoa de ter, o.. o livre arbítrio de.. ...a própria liberdade.. de querer s -- , sair.. de casa, ...o horário que quiser, ou ir.. um jogo de futebol,**

(3e) essas coisas.. que eu **vejo também a violência, como uma.. privação, de você.. fazer o que.. você.. quiser.**

Esquemas de Imagens:

(3a) (3b) LOCOMOÇÃO

(3d) (3e) PARTE-TODO e FORÇA-BLOQUEIO

Metáforas:

(3a) (3b) MUDANÇA É MOVIMENTO / VIOLÊNCIA É DOENÇA

(3d) (3e) VIOLÊNCIA É IMPEDIMENTO / VIOLÊNCIA É UMA FORÇA QUE APRISIONA

Metonímias:

(3b) (3c) MEMBRO PELA CATEGORIA

Como esquema de imagens, observamos primeiramente o de LOCOMOÇÃO, quando o participante em “(3a) é ::.. a palavra violência, que me vem em mente, é.. primeiramente é ::, ...(2.0) a :: --os-- , **espalhando** pelo.. país, entendeu?” e em “(3b) cada vez mais.. é :: tem -, é.. **se alastrando..** por.. locais em que a gente, não.. não.. percebia antes” se refere aos verbos “espalhar” e “alastrar”, que denotam a ideia de movimento. Caracteriza o percurso que a violência tem tomado nos ambientes, bem como sua rápida velocidade, assim como uma doença acomete um indivíduo. Além disso, se considerarmos a liberdade, ditada pelo participante como “livre-arbítrio”, parte do que somos, não teremos nossa completude, delineando em “(3d) e **impedindo a pessoa.. de ser.. impedindo a pessoa de ter, o.. o livre arbítrio de.. ...a própria liberdade.. de querer s -- , sair.. de casa, ...o horário que quiser, ou ir.. um jogo de futebol**” e “(3e) essas coisas.. que eu **vejo também a violência, como uma.. privação, de você.. fazer o que.. você.. quiser**” os esquemas de imagens PARTE-TODO e FORÇA-BLOQUEIO. Em uma perspectiva mais além, se somos impedidos de expressarmos o nosso direito de liberdade, existe algo como bloqueio, neste caso, a violência se apresenta como o agente transformador, que trata da força exercida sobre algo que a bloqueia.

Em relação às metáforas, inferimos em **(3a)** e **(3b)** MUDANÇA É MOVIMENTO e VIOLÊNCIA É DOENÇA nos trechos em que o participante fala: **(“3a)** é ::... a palavra violência, que me vem em mente, é.. primeiramente é ::, ...(2.0) a :: --os-- , **espalhando** pelo.. país, entendeu?” e em **(“3b)** cada vez mais.. é :: tem –, é.. **se alastrandoo..** por.. locais em que a gente, não.. não.. percebia antes”, dito dessa forma, é como se a violência fosse como uma metástase que pouco a pouco vai tomando o corpo até que não tenhamos controle sobre a doença. Ou até mesmo como um vírus que se espalha com rapidez. Também destacamos as metáforas VIOLÊNCIA É IMPEDIMENTO e VIOLÊNCIA É UMA FORÇA QUE APRISIONA, em **(“3d)** e **impedindo a pessoa.. de ser.. impedindo a pessoa de ter, o.. o livre arbítrio de.. ...a própria liberdade.. de querer s -- , sair.. de casa, ...o horário que quiser**, ou ir.. um jogo de futebol” e em **(“3e)** essas coisas.. que eu vejo também a violência, como uma.. **privação, de você.. fazer o que.. você.. quiser**”, fazendo-nos inferir que a violência regula corpos, estabelece normas de convivência e tira a liberdade das pessoas agirem como querem para garantir seu bem estar. Como o participante fala, existem horários e ambientes mais suscetíveis à violência, isso faz com as pessoas vivenciem a experiência de uma prisão física e sofram as consequências de um bloqueio.

Destacamos a metonímia MEMBRO PELA CATEGORIA, em **(“3b)** cada vez mais.. é :: tem –, é.. **se alastrandoo..** por.. locais em que a gente, não.. não.. percebia antes” e **(“3c)** então.. **a violência.. tá mais presente, é:: tanto em.. questão física, quanto::.. também questões de.. de crime organizado, e..**”, no qual o participante resgata aspectos relacionados à violência urbana para conceituar a categoria de violência, se referindo ao crime organizado, ou seja, mais uma vez, percebemos que esse estudante também fala sobre um aspecto da violência em um lugar, para falar sua percepção da violência de forma geral.

Quadro 4 - MCI de VIOLÊNCIA - 1B**ALUNO - 1B:**

(1a) an.. a gente.. **aprende desde cedo..** a usar os conceitos.. mas não saber.. seu significado, né? ...e aí ::::

(1b) enquanto **o corpo violado..** eu:::.. **penso a violência.. como uma.. violação de um espaço.. e de um.. sujeito, né ? ...**

(1c) desde que.. **ele se constrói.. uma privacidade de si, ...**

(1d) mas que ele.. **tem que estar.. para os outros, ...e quando.. ele não está.. para os outros... ele é violado através da ignorância, né? ...**(2.0)

(1e) an.. a gente.. **tem a violência física, no caso..**

(1f) mas.. sobretudo.. eu dialogo muito.. **com a violência subjetiva.. que foi a que mais... me tocou.. durante.. muito tempo, né? ...**

(1g) felizmente.. eu.. **eu nunca fui.. violentado fisicamente,**

(1h) mas a.. **a forma subjetiva.. ela.. ela é.. mais forte...do que.. às vezes.. uma marca.. deixada no corpo, né?**

(1i) quando é.. **transgredido esse espaço.. que você não permite aos outros, ...mas que.. eles querem ter conta.. de::: de si, né? ...**(2.0) de você...

(1j) aí.. **a violência gira.. nesse torno, ...violar o espaço.. do outro, né?... é::: introduzir-se.. sem a permissão dele, ...pra mim, eu penso assim.. a violência.**

Esquemas de Imagens:

(1b) (1c) (1d) (1i) (1j) ESPAÇO / DENTRO-FORA / RECIPIENTE/ CONTATO

(1e) (1h) (1i) (1j) FORÇA-BLOQUEIO

Metáforas:

(1d) (1f) (1h) (1i) (1j) SUBJETIVIDADE É FORÇA/ SUBJETIVIDADE SÃO ENTIDADES DENTRO DE UMA PESSOA

(1d) (1g) FORÇA É UMA SUBSTÂNCIA CONTIDA EM CAUSAS QUE AFETAM

(1b) (1i) (1j) VIOLÊNCIA É VIOLAR ESPAÇO

Metonímias:

(1b) AÇÃO PELO RESULTADO

(1d) (1i) (1j) MEIOS PELA AÇÃO

(1c) (1d) (1f) (1h) VISÍVEL PELO INVISÍVEL

Com base na resposta do participante 1B, podemos inferir em “**(1b)** enquanto o corpo violado.. eu:::.. **penso a violência.. como uma.. violação de um espaço.. e de um.. sujeito, né?**”, “**(1c)** desde que.. **ele se constrói.. uma privacidade de si**”, “**(1d)** mas que ele.. **tem que estar.. para os outros, ...e quando.. ele não está.. para os outros... ele é violado através da ignorância**”, “**(1i)** quando é.. **transgredido esse espaço.. que você não permite aos outros, ...mas que.. eles querem ter conta.. de::: de si**” e “**(1j)** aí.. **a violência gira.. nesse torno, ...violar o espaço.. do outro, né?... é::: introduzir-se.. sem a permissão dele**”, os esquemas de imagens ESPAÇO, DENTRO-FORA, RECIPIENTE e CONTATO.

E em “**(1e)** an.. a gente.. **tem a violência física, no caso**”, “**(1h)** mas a.. **a forma subjetiva.. ela.. ela é.. mais forte...do que.. às vezes.. uma marca.. deixada no corpo**”, “**(1i)** quando é.. **transgredido esse espaço.. que você não permite aos outros,**

...mas que.. eles querem ter conta.. de::: de si” e “(1j) aí.. a violência gira.. nesse torno, ...violar o espaço.. do outro, né?... é::: introduzir-se.. sem a permissão dele”, inferimos também os esquemas de imagens FORÇA-BLOQUEIO.

Esses esquemas de imagens corroboram com a fala do estudante quando se tem a ideia de espaço, delimitando a parte externa e interna do corpo, o configurando como um recipiente que preserva as subjetividades do indivíduo, e que em seu entorno e bordas gira violência, e assim esta existe, uma força maior que ultrapassa a barreira estabelecida neste recipiente de subjetividades, ou seja, nosso corpo. Por ser nosso corpo um espaço apenas nosso, quem ultrapassa esse limite está cometendo um ato de violência, ou seja, a violação, está tentando entrar com força em contato com esse ambiente que é apenas nosso, do nosso corpo, causando um bloqueio, o qual pode ser físico ou emocional.

Já em relação às metáforas, identificamos em “(1d) mas que ele.. **tem que estar.. para os outros, ...e quando.. ele não está.. para os outros... ele é violado através da ignorância**”, “(1f) mas.. sobretudo.. eu dialogo muito.. **com a violência subjetiva.. que foi a que mais... me tocou.. durante.. muito tempo**”, “(1h) mas a.. **a forma subjetiva.. ela.. ela é.. mais forte...do que.. às vezes.. uma marca.. deixada no corpo**”, “(1i) quando é.. **transgredido esse espaço.. que você não permite aos outros, ...mas que.. eles querem ter conta.. de::: de si” e em “(1j) aí.. a violência gira.. nesse torno, ...violar o espaço.. do outro, né?... é::: introduzir-se.. sem a permissão dele”** as metáforas SUBJETIVIDADE É FORÇA/ SUBJETIVIDADE SÃO ENTIDADES DENTRO DE UMA PESSOA, estruturadas pelo esquema de imagem de FORÇA. Quando o participante 1B fala que a violência subjetiva, a qual é voltada para o sujeito, é algo particular da vítima, sendo bem mais intensa que a violência física que "deixa marca no corpo”, isso culmina em retratar como particular o espaço do corpo, a ser respeitado no espaço do outro.

Podemos perceber ainda em “(1d) mas que ele.. **tem que estar.. para os outros, ...e quando.. ele não está.. para os outros... ele é violado através da ignorância**” e em “(1g) felizmente.. eu.. **eu nunca fui.. violentado fisicamente**” a metáfora FORÇA É UMA SUBSTÂNCIA CONTIDA EM CAUSAS QUE AFETAM, quando o participante fala da ignorância e da força física como forma de violência, como algo mais abstrato e outro mais concreto. Entendemos que, independente dessa percepção, são substâncias estabelecidas em casos que afetam da mesma forma, ou na mesma intensidade.

E, por fim, como já especificado nos esquemas de imagens, inferimos em “**(1b)** enquanto **o corpo violado.. eu::.. penso a violência.. como uma.. violação de um espaço.. e de um.. sujeito, né?**”, “**(1i)** quando é.. **transgredido esse espaço.. que você não permite aos outros, ...mas que.. eles querem ter conta.. de::.. de si**” e em “**(1j)** aí.. **a violência gira.. nesse torno, ...violar o espaço.. do outro, né?... é::.. introduzir-se.. sem a permissão dele**” a metáfora VIOLÊNCIA É VIOLAR ESPAÇO, o participante especificou bem esse espaço delimitado e como ele pode ser violado, principalmente no que ele destacou como sendo subjetivo, esse espaço que é o corpo humano, no qual, por vezes, as pessoas não respeitam e acabam corroborando com a incidência da violência.

Observando a resposta do participante, podemos compreender expressões metonímicas em “**(1b)** enquanto **o corpo violado.. eu::.. penso a violência.. como uma.. violação de um espaço.. e de um.. sujeito, né?**” AÇÃO PELO RESULTADO, e em “**(1d)** mas que ele.. **tem que estar.. para os outros, ...e quando.. ele não está.. para os outros... ele é violado através da ignorância**”, “**(1i)** quando é.. **transgredido esse espaço.. que você não permite aos outros, ...mas que.. eles querem ter conta.. de::.. de si**” e em “**(1j)** aí.. **a violência gira.. nesse torno, ...violar o espaço.. do outro, né?... é::.. introduzir-se.. sem a permissão dele**” a expressão metonímica MEIOS PELA AÇÃO. O participante menciona uma violação do seu corpo, especificando o pensamento da violência como sendo essa violação, ou seja, a forma como foi feita e resultou naquele espaço que ele diz ter sido violado. Isso se torna mais perceptível quando o participante fala da violação do espaço, surgindo em “**(1c)** desde que.. **ele se constrói.. uma privacidade de si**”, “**(1d)** mas que ele.. **tem que estar.. para os outros, ...e quando.. ele não está.. para os outros... ele é violado através da ignorância**”, “**(1f)** mas.. sobretudo.. eu dialogo muito.. **com a violência subjetiva.. que foi a que mais... me tocou.. durante.. muito tempo**” e em “**(1h)** mas a.. **a forma subjetiva.. ela.. ela é.. mais forte...do que.. às vezes.. uma marca.. deixada no corpo**”, a expressão metonímica VISÍVEL PELO INVISÍVEL. O estudante exemplifica o espaço violado para compreendermos o fato da sua subjetividade ter sido afetada, comprometida e invadida.

ALUNO - 2B:

(2a) pra mim.. **é um.. um pouco.. complicado conceituar.. a violência ,**

(2b)...e **sempre que eu ouço.. essa palavra.. eu associo.. como:: , ...o primeiro colega disse.. a::.. as minhas.. vivências..**

(2c) tanto porque é::, ...(2.0) quando na infância.. na adolescência.. no meu caso.. **é, ...sofri.. várias violências.. é.. físicas.. é::.. e psicológicas.. simbólicas.. como o.. colega falou,**

(2d)...e::.. cresci.. em uma família que::.. eu cresci --, **...fui criado.. praticamente com.. com minha vó, ...e meu avô.. tinha um problema com álcool, ...e toda vida.. que ele bebia.. ele batia.. tanto nela.. quanto na gente,**

(2e) ...aí.. **além dessa violência física, nós tínhamos também.. a vio--.. a violência, simbólica, ...que.. das palavras -.. que ele falava.. e tal.. que ofendia.. tanto a mim.. quanto a minha vó, ...enquanto os meus -.. meus primos.. e meus tios, ..é que::.. crescemos juntos.. e::.., ...(2.0)**

(2f) então assim.. **pra mim.. conceituar violência.. é::.. eu acho.. bastante complicado, ...já**

(2g) geralmente.. **eu associo.. a::.. a essas experiências, ...é que seria.. ferir a integridade física.. ou mental do outro, ...algo assim.. nesse sentido.**

Esquemas de Imagens:

(2c) (2e) FORÇA-BLOQUEIO

(2c) ESPAÇO (2d) EM CIMA-EMBAIXO

Metáforas:

(2a) (2b) (2f) ASSUNTOS DIFÍCEIS SÃO ADVERSÁRIOS

(2c) (2e) SUBJETIVIDADE É FORÇA / SUBJETIVIDADES SÃO ENTIDADES DENTRO DE UMA PESSOA / PALAVRAS SÃO ARMAS QUE FEREM

(2g) VIOLÊNCIA CAUSAM FERIDAS

Metonímias:

(2b) AGENTE PELA AÇÃO

(2c) AÇÃO PELO RESULTADO

(2d) (2e) MEIOS PELA AÇÃO

Como esquema de imagens, destaca-se em “**(2c)** tanto porque é::, ...(2.0) quando na infância.. na adolescência.. no meu caso.. **é, ...sofri.. várias violências.. é.. físicas.. é::.. e psicológicas.. simbólicas.. como o.. colega falou**” e “**(2e)** ...aí.. **além dessa violência física, nós tínhamos também.. a vio--.. a violência, simbólica, ...que.. das palavras -.. que ele falava.. e tal.. que ofendia.. tanto a mim.. quanto a minha vó, ...enquanto os meus -.. meus primos.. e meus tios, ..é que::.. crescemos juntos.. e::.., ...(2.0)**” FORÇA-BLOQUEIO, no qual o participante 2B caracteriza a hierarquia do seu avô sob ele e sua família, enfatizando os tipos de violência que sofria por essa força maior, causando um bloqueio emocional. Ainda em “**(2c)**” percebemos o esquema de imagem de ESPAÇO, para caracterizar a integridade, ou seja, a cada ação de violência, parte do indivíduo é corrompida, tirada, através da força e do espaço que é do outro, o qual, no momento, torna-se maior do que a vítima. Observamos também, na fala do participante 2B, em “**(2d)**...e::.. cresci.. em uma família que::.. eu cresci --, **...fui criado.. praticamente com.. com minha vó, ...e meu avô.. tinha um problema com**

álcool, ...e toda vida.. que ele bebia.. ele batia.. tanto nela.. quanto na gente” o esquema de imagem EM CIMA-EMBAIXO, se pensarmos na relação de verticalidade, sendo o avô o mais velho da família, fazendo-o se sentir no direito e posição de ditar as regras da casa.

Inferimos, a partir do discurso do participante, em “(2a) pra mim.. é um.. um pouco.. complicado conceituar.. a violência”, “(2b)...e sempre que eu ouço.. essa palavra.. eu associo.. como:: , ...o primeiro colega disse.. a::.. as minhas.. vivências..” e em “(2f) então assim.. pra mim.. conceituar violência.. é::.. eu acho.. bastante complicado” a metáfora ASSUNTOS DIFÍCEIS SÃO ADVERSÁRIOS, percebemos que o participante 2B demonstra a dificuldade em falar sobre o assunto por ter sofrido ações de várias violências.

Além disso, percebemos em “(2c) tanto porque é::, ...(2.0) quando na infância.. na adolescência.. no meu caso.. é, ...sofri.. várias violências.. é.. físicas.. é::.. e psicológicas.. simbólicas.. como o.. colega falou” e em “(2e) ...aí.. além dessa violência física, nós tínhamos também.. a vio--- a violência, simbólica, ...que.. das palavras -.. que ele falava.. e tal.. que ofendia.. tanto a mim.. quanto a minha vó, ...enquanto os meus -.. meus primos.. e meus tios, ..é que::.. crescemos juntos” as metáforas SUBJETIVIDADE É FORÇA / SUBJETIVIDADES SÃO ENTIDADES DENTRO DE UMA PESSOA / PALAVRAS SÃO ARMAS QUE FEREM, quando ele menciona as ofensas causadas pelas palavras ditas pelo agressor, e também quando diz “ferir a integridade física.. ou mental do outro”, ou tratando da subjetividade, quando expressa a violência simbólica, provavelmente a causa das feridas que especifica em “(2g) geralmente.. eu associo.. a::.. a essas experiências, ...é que seria.. ferir a integridade física.. ou mental do outro, ...algo assim.. nesse sentido”, desse modo, inferimos a metáfora VIOLÊNCIA CAUSA FERIDAS.

Quanto às metonímias, observamos em “(2b)...e sempre que eu ouço.. essa palavra.. eu associo.. como:: , ...o primeiro colega disse.. a::.. as minhas.. vivências..” a expressão metonímica AGENTE PELA AÇÃO, quando ele associa suas próprias lembranças e experiências ao conceito violência. Em “(2c) tanto porque é::, ...(2.0) quando na infância.. na adolescência.. no meu caso.. é, ...sofri.. várias violências.. é.. físicas.. é::.. e psicológicas.. simbólicas.. como o.. colega falou” percebemos a expressão metonímica AÇÃO PELO RESULTADO, quando o estudante especifica seu percurso de crescimento ao delimitar que sofreu vários tipos de violências, bem como suas ações, pelo que lhe causou, como em “(2d)...e::.. cresci.. em uma família que::.. eu cresci --, ...fui criado.. praticamente com.. com minha vó, ...e meu avô.. tinha um

problema com álcool, ...e toda vida.. que ele bebia.. ele batia.. tanto nela.. quanto na gente” e em “(2e) ...aí.. além dessa violência física, nós tínhamos também.. a vio--- a violência, simbólica, ...que.. das palavras -- que ele falava.. e tal.. que ofendia.. tanto a mim.. quanto a minha vó, ...enquanto os meus -- meus primos.. e meus tios, ..é que::.. crescemos juntos” a expressão metonímica MEIOS PELA AÇÃO, o estudante, mais uma vez, esclarece seu processo de crescimento a sua família ao tentar conceitualizar o termo violência, explicando que seu avô tinha uma autoridade maior nesse núcleo, e, por isso, o exemplifica para justificar os meios pelos quais esses tipos de violência aconteciam.

Quadro 6 - MCI de VIOLÊNCIA - 3B

ALUNO - 3B:

(3a) eu lembro.. da minha história.. de vida, né? alguns pontos.. que passaram.. tipo,

(3b) ...pra poder você ::: associar violência, ...você recorre a alguns pontos.. de vida.. que você teve, né? será que aquilo.. foi violência,

(3c) ...aí eu.. penso muito no que já.. sofri de violência, ...tanto física, como simbólica.. dentro do colégio, né? ...por ser meio.. afeminado..

(3d) os meninos.. querendo bater em você,

(3e) ...aí, desde quando.. você se assume.. pro seu pai, ...seu pai também, diz também.. diz ameaça, ...e quando.. constantemente você tá ameaçando,

(3f) ...por que eu tô::: querendo passar pela --, ...tá querendo.. passar pela transição, né? querendo tirar.. todo o meu cabelo.. a química.. loiro, ...e::: voltar com meu.. cabelo normal, (3g)...aí muita gente.. é.. principal -- , principalmente o pessoal.. da minha casa, ...(2.0) chicoteia muito.. dizendo que ::: tá feio.. o cabelo é feio.. cabelo ruim.. cabelo grosso,

(3h)...e.. é tipo.. são essas coisas.. que eu vejo como a violência, né? ...tanto a física, né? que eu passei.. pelo meu --, no meu --, ...ensino básico.. como pra ::: é ::: ...(2.0) do ::: até o ensino.. superior, né? ...que é.. a questão.. do cabelo.. essa coisa.. que é uma.. mais simbólica,

(3i)...aí eu vejo.. a violência.. trazendo meus exemplos.. de vida , ...representar -- , é::: consegui representar.. através disso.

Esquemas de Imagens:

(3b) (3i) ORIGEM-PERCURSO-META

(3b) PARTE-TODO

(3c) (3d) (3h) FORÇA-BLOQUEIO-RESISTÊNCIA

(3f) ESPAÇO

Metáforas:

(3a) (3b) (3c) ASSUNTOS DIFÍCEIS SÃO ADVERSÁRIOS

(3g) (3h) CRÍTICAS SÃO CHICOTES/ PALAVRAS SÃO ARMAS QUE FEREM/SUBJETIVIDADE É FORÇA

(3a) (3b) (3c) (3i) VIOLÊNCIA É UM TRAJETO DE VIDA

Metonímias:

(3e) (3f) AÇÃO PELO RESULTADO

(3g) MEIOS PELA AÇÃO

Na fala do participante, percebemos os esquemas de imagens estruturantes em **“(3b) ...pra poder você ::.. associar violência, ...você recorre a alguns pontos.. de vida.. que você teve, né? será que aquilo.. foi violência”** e em **“(3i)...aí eu vejo.. a violência.. trazendo meus exemplos.. de vida , ...representar -- , é::.. consegui representar.. através disso”**, ORIGEM-PERCURSO-META, em que o aluno 3B pensa sua trajetória e resgata algumas experiências vividas como, por exemplo, no ensino básico. Destacamos também o esquema de imagem de MOVIMENTO se pensarmos na relação citada correspondente à transição do cabelo descrito. Outro esquema de imagem importante é o de PARTE-TODO em **“(3b) ...pra poder você ::.. associar violência, ...você recorre a alguns pontos.. de vida.. que você teve, né? será que aquilo.. foi violência”**, o participante pensa em pontos específicos para associar de forma geral, ou seja, o todo do termo violência, exemplificando em partes.

Percebemos também, em **“(3c) ...aí eu.. penso muito no que já.. sofri de violência, ...tanto física, como simbólica.. dentro do colégio, né? ...por ser meio.. afeminado”**, **“(3d) os meninos.. querendo bater em você”** e em **“(3h)...e.. é tipo.. são essas coisas.. que eu vejo como a violência, né? ...tanto a física, né? que eu passei.. pelo meu --, no meu --, ...ensino básico.. como pra ::.. é ::.. ...(2.0) do ::.. até o ensino.. superior, né? ...que é.. a questão.. do cabelo.. essa coisa.. que é uma.. mais simbólica”**, os esquemas de imagens FORÇA-BLOQUEIO-RESISTÊNCIA, quando o participante destaca que muitas pessoas criticam a sua transição, mas dá ênfase à sua família, como pessoas mais próximas que poderiam apoiar as suas escolhas, porém acabam criticando, provavelmente violando o seu ESPAÇO, como inferimos em sua fala em **“(3f) ...por que eu tô::.. querendo passar pela --, ...tá querendo.. passar pela transição, né? querendo tirar.. todo o meu cabelo.. a química.. loiro, ...e::.. voltar com meu.. cabelo normal”**.

Em **“(3a) eu lembro.. da minha história.. de vida, né? alguns pontos.. que passaram.. tipo”**, **“(3b) ...pra poder você ::.. associar violência, ...você recorre a alguns pontos.. de vida.. que você teve, né? será que aquilo.. foi violência”** e em **“(3c) ...aí eu.. penso muito no que já.. sofri de violência, ...tanto física, como simbólica.. dentro do colégio, né? ...por ser meio.. afeminado”**, destacamos a metáfora ASSUNTOS DIFÍCEIS SÃO ADVERSÁRIOS, quando o participante também relata aspectos da sua trajetória de vida para delimitar o termo violência, ou seja, é um assunto difícil.

Além disso, em **“(3g)...aí muita gente.. é.. principal -- , principalmente o pessoal.. da minha casa, ...(2.0) chicoteia muito.. dizendo que ::.. tá feio.. o cabelo é**

feio.. cabelo ruim.. cabelo grosso” e em “**(3h)**...e.. é tipo.. **são essas coisas.. que eu vejo como a violência, né? ...tanto a física, né?** que eu passei.. pelo meu --, no meu --, ...ensino básico.. como pra ... é ... (2.0) do ... até o ensino.. superior, né? ...que é.. a questão.. do cabelo.. **essa coisa.. que é uma.. mais simbólica**”, destacamos as metáforas **CRÍTICAS SÃO CHICOTES/ PALAVRAS SÃO ARMAS QUE FEREM/SUBJETIVIDADE É FORÇA**, o aluno refere-se a alguém que faz uma crítica a sua aparência, é como se ele se sentisse ferido. Quando o participante retoma/relembra algumas experiências, afirma “recorrer a alguns pontos”, marca em “**(3a)** eu lembro.. **da minha história.. de vida, né? alguns pontos.. que passaram.. tipo**”, “**(3b)** ...**pra poder você ... associar violência, ...você recorre a alguns pontos.. de vida..** que você teve, né? será que aquilo.. foi violência”, “**(3c)** ...**ái eu.. penso muito no que já.. sofri de violência, ...tanto física, como simbólica.. dentro do colégio, né?** ...por ser meio.. afeminado” e em “**(3i)**...**ái eu vejo.. a violência.. trazendo meus exemplos.. de vida** , ...representar -- , é:.. **consegui representar.. através disso**”, a metáfora **VIOLÊNCIA É UM TRAJETO DE VIDA**, com alguns momentos marcantes que o fazem lembrar. O participante percebe essas experiências como objetos quando fala em trazê-las como exemplos e, além disso, representar a violência através desses “objetos”.

Como metonímia, observamos em “**(3e)** ...**ái, desde quando.. você se assume.. pro seu pai, ...seu pai também, diz também.. diz ameaça, ...e quando.. constantemente você tá ameaçando**” e em “**(3f)** ...por que eu tô:.. **querendo passar pela --, ...tá querendo.. passar pela transição, né?** querendo tirar.. todo o meu cabelo.. a química.. loiro, ...e:.. voltar com meu.. cabelo normal” a expressão metonímica **AÇÃO PELO RESULTADO**, quando ele usa o termo “chicoteia”, ou seja, afirma que seus familiares usam palavras que machucam. Podemos inferir ainda em “**(3g)**...**ái muita gente.. é.. principal -- , principalmente o pessoal.. da minha casa, ...(2.0) chicoteia muito..** dizendo que ::.. **tá feio.. o cabelo é feio.. cabelo ruim.. cabelo grosso**” a expressão metonímica **MEIOS PELA AÇÃO**, quando o estudante especifica como ocorre a violência, ou seja, os meios pelos quais ele é afetado.

Nesta seção, elaboramos uma recapitulação das análises realizadas anteriormente e realizamos uma comparação entre os dois grupos focais investigados, pontuando os elementos mais significativos em cada um deles.

Quando comparamos os dois grupos focais, um composto por estudantes heterossexuais e o outro por homossexuais, percebemos que as respostas do primeiro grupo focal costumavam ser mais curtas do que as respostas do segundo, o que demonstra uma tendência maior do GFB em desenvolver com mais aprofundamento e subjetividade questões ligadas à violência, mesmo os participantes explicando ser um assunto complicado de falar.

Sob a perspectiva dos MCIs, identificamos no GFA (heterossexuais):

- I) Esquemas de Imagens: LOCOMOÇÃO, FORÇA e PARTE-TODO;
- II) Metáforas: VIOLÊNCIA É UM ORGANISMO VIVO, VIOLÊNCIA É DOENÇA e MUDANÇA É MOVIMENTO, e;
- III) Metonímia: MEMBRO PELA CATEGORIA e RESULTADO PELA AÇÃO.

Com base nos MCIs destacados pelo GFA, podemos notar em suas falas a conceitualização da violência com base em suas concepções de mundo e, possivelmente, suas experiências. O primeiro estudante descreve a violência física em termos de uma doença grave, que debilita a vítima. Já o segundo participante, destaca a violência como um organismo vivo, que podemos ver e acompanhar, que tem como seu habitat as periferias das cidades. Na fala do terceiro participante, podemos observar a mesma relação da violência como uma doença que se alastra e se espalha rapidamente. Além disso, uma doença de impedimento, que tira a liberdade das pessoas, fazendo-as se prevenir para não serem vítimas dessa violência.

Ao passo que no GFB (homossexuais), temos os seguintes modelos:

- I) Esquemas de Imagens: ESPAÇO e FORÇA-BLOQUEIO;
- II) Metáforas: SUBJETIVIDADE É FORÇA, SUBJETIVIDADE SÃO ENTIDADES DENTRO DE UMA PESSOA, ASSUNTOS DIFÍCEIS SÃO ADVERSÁRIOS e PALAVRAS SÃO ARMAS QUE FEREM, e;
- III) Metonímia: AÇÃO PELO RESULTADO e MEIOS PELA AÇÃO.

Com base nos MCIs destacados pelo GFB, observamos a conceitualização de violência de forma mais geral relacionada ao gênero. O primeiro participante destaca uma conceitualização da violência enquanto a violação de um espaço, além de se sentir tocado pelo que chama de “violência subjetiva”, a qual declara ser mais forte do que

uma marca no corpo. Para conceitualizar o termo, o participante dois se reportou a experiências de violência conjugal, sofrida por mulheres de sua família, as quais se submeteram a homens com quem conviveram, provavelmente tentando explicar o fato da hierarquia já imposta socialmente. Por sua vez, o participante três destaca uma violência voltada pelas suas escolhas e opção sexual, a qual ele, assim como o primeiro participante, chama de “violência subjetiva”. Observamos nas falas dos alunos desse grupo o relato da violência física e subjetiva, com maior ênfase na violência de gênero e verbal.

Se analisarmos novamente as falas dos estudantes, podemos perceber alguns aspectos que se modificam. Por exemplo, GFA, dos heterossexuais, compreendemos uma conceitualização de violência em termos de aspectos físicos, perceptíveis, mais voltada para a violência urbana. Os participantes falam de uma violência mais exterior, a qual existe fora do indivíduo/corpo, uma realidade que se promove em outros lugares, em realidades mais concretas, como é destacada a violência nas periferias, a qual se espalha como algo assemelhado a uma doença, um organismo vivo, como é descrito nos MCIs.

Já no GFB, dos homossexuais, os alunos descrevem uma violência que, por vezes, é mais interior, intangível, reside dentro do indivíduo/corpo, uma realidade que se promove dentro de si, uma violência que invade o espaço subjetivo ou psicológico, uma força, algo difícil de conceitualizar, mas que também provoca feridas causadas por palavras, como algo inexplicável e subjetivo dentro de um corpo, como descrito nos MCIs. Talvez por isso tenhamos percebido certa dificuldade dos participantes ao falarem sobre o assunto, possivelmente por ser algo muito delicado e marcante, ou, pela dificuldade existente de caracterizar algo que foge aos nossos olhos e que atinge o interior, ultrapassa barreiras estabelecidas, se tornando um assunto difícil e, por isso, adversário, como também descrevemos nos MCIs.

Na seção seguinte, finalizamos com nossas considerações finais tudo o que neste trabalho foi discutido e elencado, assinalando nossos objetivos e intenções, informações que foram e são cruciais para a propagação de novas pesquisas acerca deste tema.

Esta pesquisa teve como objetivo geral: analisar os Modelos Cognitivos Idealizados – MCIs que estruturam o conceito de violência nas falas de alunos brasileiros da Unilab-CE, a partir de dois grupos focais – A (heterossexuais) e B (homossexuais). Já como objetivos específicos temos: “a)” identificar e descrever os Modelos Cognitivos Idealizados – MCIs: esquemas de imagens, metáforas e metonímias que estruturam o conceito de violência nas falas dos estudantes do grupo focal A – GFA (heterossexuais); “b)” identificar e descrever os Modelos Cognitivos Idealizados – MCIs: esquemas de imagens, metáforas e metonímias que estruturam o conceito de violência nas falas do grupo focal B – GFB (homossexuais); e, por fim, “c)” comparar e discutir os Modelos Cognitivos Idealizados - MCIs, os quais estruturam o conceito de violência nas falas dos grupos focais A – GFA (heterossexuais) e B – GFB (homossexuais) de estudantes brasileiros da Unilab.

Com base nos objetivos, e através das pesquisas e questionamentos feitos acerca do termo violência, compreendemos que esta não tem apenas um conceito que englobe seu significado, porém, o termo pode ser identificado por diferentes grupos, de diferentes formas. No caso desta pesquisa, estruturamos e comparamos em Modelos Cognitivos Idealizados – MCIs o conceito de violência às falas de alunos brasileiros da Unilab, os quais tiveram diferentes perspectivas e compreensões ao longo de sua formação de vida, que, por conseguinte, responderam nossos questionamentos e corroborando com o alcance dos nossos objetivos.

Em razão disso, notamos que os alunos do GFA (heterossexuais) apresentam com mais frequência os Esquemas de Imagens: LOCOMOÇÃO, FORÇA e PARTE-TUDO; as Metáforas: VIOLÊNCIA É UM ORGANISMO VIVO, VIOLÊNCIA É DOENÇA e MUDANÇA É MOVIMENTO; e as Metonímias: MEMBRO PELA CATEGORIA e RESULTADO PELA AÇÃO. Já os alunos do GFB (homossexuais) apresentam com frequência os Esquemas de Imagens: ESPAÇO e FORÇA-BLOQUEIO; as Metáforas: SUBJETIVIDADE É FORÇA, SUBJETIVIDADE SÃO ENTIDADES DENTRO DE UMA PESSOA, ASSUNTOS DIFÍCEIS SÃO ADVERSÁRIOS e PALAVRAS SÃO ARMAS QUE FEREM; e as Metonímias: AÇÃO PELO RESULTADO e MEIOS PELA AÇÃO.

Tendo em vista que o aspecto linguístico-cognitivo de cada um é bem particular, pois, conceitualizar um termo requer aspectos dos quais só categorizamos através das nossas influências e pela maneira como visualizamos e entendemos as coisas

ao nosso redor. Saber a categoria de algo nos traz várias informações, seguidas de muitas interferências, e, por isso, tendemos a colocar as coisas em categorias, mesmo que nem sempre elas sejam nomeadas. Por isso, delinear a compreensão de um termo, requer que tenhamos certa clareza também acerca do social, do que acontece em nossa sociedade de forma geral e coletiva, para que essa compreensão se dê a partir do lugar da linguagem, da constituição das realidades. Logo, nossas análises estão baseadas no que compreendemos por aspectos cognitivos que se constituem por nossos corpos no mundo, já mencionados e explicados no tópico dois. Os dados sugerem, através dos MCIs, uma diferença específica nas falas dos alunos do GFA (heterossexuais), uma conceitualização de violência mais física e visível; já no GFB (homossexuais), uma conceitualização de violência mais subjetiva e invisível.

Tendo exposto as diferenças nas falas dos participantes, e em comparação aos MCIs de cada grupo, no que tange à conceitualização de violência, há, nessas falas, um aspecto sensível a nossa sociedade que vale evidenciar aqui: a dicotomia hetero-homo, na qual nós mesmos usamos neste trabalho para diferenciar e considerar alguns aspectos no momento em que os alunos conceitualizam violência. Segundo Miskolci (2015) “a heteronormatividade seria a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto – para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida” e salienta que “não por acaso, violências atualmente chamadas de homofobia não se dirigem igualmente a todos/as os/a homossexuais, mas, antes, muito mais frequentemente a quem não segue esse padrão (p.15).”

Essa constatação faz parte do estudo de Miskolci (2015) sobre a teoria *queer*, o autor evidencia o fato da educação sobre a sexualidade, a qual faz parte de um recurso histórico que se desdobra até os dias atuais, fazendo com que as pessoas se compreendam a partir de sua sexualidade. Tal reducionismo, em sua percepção, não deve ser aceito sem resistência. A forma como os participantes conceituaram o termo violência mostra-nos o déficit dessa normalização identitária “o fato de que se funda em modelos a-históricos e fixos de como as pessoas são ou deveriam ser (p.16-17)”.

A título de informação, a sociedade brasileira, os estudos *queer* provém do fato de que não são apenas homossexuais que se sentem em contradição com as normas, há muitas pessoas que se põem incomodadas com os deveres e disposições que nos são impostos em termos de comportamento: “o *queer* busca tornar visíveis as injustiças e violências implicadas na disseminação e na demanda do cumprimento das normas e das conversões culturais, violências e injustiças envolvidas tanto na criação dos “normais”

quanto dos “anormais” (MISKOLCI, 2015, p. 26).” Tais informações foram inseridas neste trabalho, para que possamos entender alguns pontos destacados nas falas dos participantes que se mostram relevantes, porém, não nos cabe aprofundar este assunto, sendo possível uma análise mais específica a violência de gênero, por essa razão, sugerimos que a essa referência seja feita em outros trabalhos.

De fato, a violência não desaparece, e não temos apenas um conceito que englobe seu significado, e isso podemos constatar com os dados aqui discutidos. Perceber a conceitualização da violência através de Modelos Cognitivos Idealizado - MCIs por distintos grupos sociais, os quais costumam variar por fatores diversos através de suas realidades, nos trouxe uma categoria teórica que contribui não só para explicar as diferentes conceitualizações de violência, mas as diferenças em suas falas se comparados com grupos distintos, bem como a realidade social que ainda nos rodeia, por características históricas que, de modo geral, pensávamos ter superados.

Além disso, essa possibilidade de estudos por MCIs nos dá um aparato estruturante à investigação empírica com as pessoas que fazem uso da linguagem verbal para propagar suas ideias e emoções a respeito do termo violência. Por esse ponto de vista, chegamos a um nível de compreensão considerável, o qual nos deu uma caracterização do termo, desenvolvida por aspectos linguísticos-cognitivos, que poderão auxiliar e contribuir com uma possível intervenção em mudanças na forma como a violência é vista atualmente pelas pessoas de forma geral, tendo em vista também uma preocupante questão, a violência para os homossexuais tem atingido níveis preocupantes no Brasil, como destacado na introdução.

Em suma, o nosso estudo apresentou uma construção de sentidos acerca do termo violência, os quais emergiram a partir de categorizações estruturadas e baseadas em experiências físicas, psicológicas e socioculturais. A violência, nestes casos, é vista de forma predominante como um dano físico e subjetivo. Devido à heterogeneidade do significado da violência, é de extrema relevância que o termo continue sendo estudado e analisado a partir de circunstâncias que levem em consideração as perspectivas de vítimas e não-vítimas, sendo eles/as alunos/as ou não de universidades, de modo que possamos compreender como esses grupos delimitam o termo violência, com base em seus aspectos de categorização pelas coisas no mundo.

REFERÊNCIAS

CAMERON, Lynne. **Metaphor and reconciliation**: The discourse dynamics of empathy in Post-Conflict Conversation, Routledge, London, 2011.

CHIZZOTI, Antonio. **A Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**: evolução e desafios. Revista Portuguesa de Educação, v. 16, n. 002, p. 221-236. 2003. Braga, Portugal.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero**: uma perspectiva global. Tradução e revisão técnica Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.

COELHO, Elza Berger Salema; SILVA, Anne Carolina Luz Grüdtner; LINDNER, Sheila Rubia **Violência**: definições e tipologias. Universidade Federal de Santa Catarina; Florianópolis, 2014. 32 p.

DU BOIS, John W., SCHUETZE-COBURN, Stephan, CUMMING, Susanna, PAOLINO, Danae. **Outline of discourse transcription**. In: EDWARDS, Jane A.; LAMPERT, Martin D.(Eds), **Talking data**: transcription and coding in discourse research. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1993. 45-89.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. **Violência**: um problema global de saúde pública. Capítulo extraído com autorização do autor do Relatório Mundial sobre Violência e Saúde. OMS, Organização Mundial de Saúde. Genebra: OMS; 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v11s0/a07v11s0.pdf>. Acesso em janeiro de 2021.

FELTES, H. P. M. **Semântica cognitiva**: ilhas, pontes e teias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. Ed. São Paulo, Atlas; 2010.

G1. **Monitor de violência**. 19/11/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/11/19/brasil-tem-alta-de-4percent-no-numero-de-assassinatos-nos-primeiros-nove-meses-do-ano.ghtml>. Acesso em janeiro de 2021. (O levantamento faz parte do Monitor da Violência, uma parceria do G1 com o Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV-USP) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública).

HAN, B.-C. **Topología de la Violencia**. Tradução Paula Kuffer. Barcelona: Herder, 2016.

HEITMEYER, Wilhelm.; HAGAN, Jonh. **The difficulties of a systematic international review**. In: _____. International Handbook of Violence Research. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2005. p. 3-12.

HERMANSON, Marcos; **Brasil de Fato**. Relatório registra 420 vítimas fatais de discriminação contra LGBTs no Brasil em 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/02/08/relatorio-registra-420-vitimas-fatais-de-discriminacao-contralgbts-no-brasil-em-2018/>. Acesso em 11 de novembro de 2019.

IMBUSCH, P. **“The Concept of Violence”**. In: HEITMEYER, W.; HAGAN, J. (Ed.) International handbook of violence research. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2003. p. 13-40. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=MiBMeO2CjGQC&oi=fnd&pg=PA13&dq=IMBUSCH,+P.+%E2%80%9CThe+Concept+of+Violence&ots=aeeHNcr3sE&sig=1F4QUWxOU1aXr_V25M5luc7YpZI#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 11 de novembro de 2019.

IPEA. **Atlas da Violência**, 2020. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/publicações>. Acesso em janeiro de 2021.

JAMISON, Kaline G. **Quem casa quer casa: a conceitualização e categorização de violência por mulheres vítimas de violência conjugal**. 2011. (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

JAMISON, Kaline Girão. **Movimentos De Empatia No Discurso Da Violência Conjugal: Uma Análise Linguístico-Cognitiva No Enquadre Comunicativo Dos Boletins De Ocorrência**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, p. 204. 2015.

JOHNSON, M. **The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. London: The University of Chicago Press, 1980.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade**. 34. Ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MEDEIROS; Leticia; Isabela, MORAIS. Politize. **Gênero: você entende o que significa?** Publicado em 25 de novembro de 2015. Disponível em: <https://www.politize.com.br/vamos-falar-sobre-genero/>. Acesso em janeiro de 2021.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. Ed. Rev. E ampl., 2. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2015. – (Série Cadernos da Diversidade; 6).

POMMER, Clarice Peres Carvalho Retroz; POMMER, Wagner Marcelo. **A metodologia do grupo focal e a formação continuada do professor: um olhar interativo envolvendo a articulação cognição e emoção**. Page 1. Volume 10, Nº 2, julho-dezembro 2014, Jataí-GO.

PAVIANI, Jayme. **Conceitos e formas de violência**. p. 8-20. in *Conceitos e formas de violência [recurso eletrônico]: / org. Maura Regina Modena*. – Caxias do Sul, RS: Educs, 2016.

PACHECO, Maria Luiza Leal; ROSO, Adriane; SOUZA, Janine Gudolle de; FARIAS; Franciele Kersting; GOULART, Luisa Almansa. **Representações Sociais em situações de violência sexual contra as mulheres**. In: XI JORNADA INTERNACIONAL SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – JIRS, 2019, Porto Alegre – RS. Anais eletrônicos: resumos. Disponíveis em: <https://www.2019.jirs.com.br/anais/trabalhos/sessaocoordenada1>. Acesso em: 07 mar. 2020.

RAVENNA, Monyse. **Brasil de Fato**. Ano após ano, Brasil segue na lista dos países que mais mata LGBT's. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/06/28/editorial-or-ano-apos-ano-brasil-segue-na-lista-dos-paises-que-mais-mata-lgbts/>. Acesso em 03 de dezembro de 2019.

SOBRINHO, Wanderley Preite. **UOL Notícias**. O Brasil registra uma morte por homofobia a cada 16 horas, aponta relatório. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/02/20/brasil-matou-8-mil-lgbt-desde-1963-governo-dificulta-divulgacao-de-dados.htm>. Acesso em 01 de dezembro de 2019.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este documento visa solicitar sua participação na pesquisa **“REPRESENTAÇÃO SOCIOCOGNITIVA NA CONCEITUALIZAÇÃO E EMERGÊNCIA DE EMPATIA NO DISCURSO DE ESTUDANTES GUINEENSES E BRASILEIROS DA UNILAB VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA”** desenvolvido pela bolsista de iniciação científica Ciciliane de Castro Bezerra e orientado pela Profa. Dra. Kaline Girão Jamison, no curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira-Unilab(CE). A pesquisa tem como objetivo: compreender o termo violência através das falas de alunos(as) brasileiros(as) e guineenses da Unilab.

A pesquisa a se realizar, presume alguns benefícios, tais como: informações relevantes acerca da conceitualização do termo violência, bem como o processo linguístico-cognitivo envolvido no processo de categorização. Os riscos dessa pesquisa são mínimos, a técnica utilizada para coleta de dados não estabelece nenhuma intervenção ou modificação intencional nos aspectos fisiológicos ou psicológicos dos entrevistados. No entanto, possíveis desconfortos decorrentes do estudo podem ocorrer, tais como: cansaço ao responder as perguntas da entrevista e constrangimento ao se expor. Para que isso não ocorra, os dados pessoais dos entrevistados, tais como nome, serão mantidos sob sigilo, utilizando apenas códigos para representar cada participante.

Por intermédio deste termo, são-lhes garantidos os seguintes direitos: a) solicitar a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esta pesquisa; b) ampla possibilidade de negar-se a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julgue prejudiciais à sua integridade física, moral e social; c) direito de solicitar que determinadas falas e/ou declarações não sejam incluídas em nenhum documento oficial, o que será prontamente atendido; e d) desistir a qualquer tempo, de participar da pesquisa.

Eu,

de livre e espontânea vontade, concordo em participar desta pesquisa sobre o tema acima proposto, e ciente que o grupo focal a ser realizado será gravado. Declaro estar ciente das informações constantes neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que uma cópia deste termo permanecerá com a aluna pesquisadora e a outra cópia me será entregue no ato da assinatura.

Assinatura do participante

Assinatura da Pesquisadora

Redenção-CE, _____ de _____ de 2019.

Contatos: (85) 99821-5718 / cicilianecbn@gmail.com
[Rua Joaquim Fraga, nº 34, aptº 04, Centro Comunitário, Redenção-CE](#)

APÊNDICE B – PERGUNTAS PARA O GRUPO FOCAL

Dados de Identificação

Nome: _____

Curso: _____

Gênero: () feminino () masculino

Idade: _____

Perguntas

1. Quando vocês escutam a palavra violência, qual a primeira coisa que lhes vêm à mente?
2. Quando vocês estão conversando com os amigos(as) no dia a dia, o tópico violência surge na conversa? E como?
3. Pessoas que já passaram por algum tipo de violência, o que mudou? O comportamento, a rotina, a forma de pensar mudam depois que passamos por qualquer tipo de violência que nos cercam? De que forma essas coisas são afetadas por uma experiência de violência?
4. Qual a opinião de vocês com relação aos praticantes de violência, o que vocês acham sobre as ações de quem pratica a violência?

ⁱ Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da%20violencia/noticia/2020/11/19/brasil-tem-alta-de-4percent-no-numero-de-assassinatos-nos%20primeiros-nove-meses-do-ano.ghtml>. Acesso em janeiro de 2021.